

O papel seletivo e excludente do laticínio Frimesa para com os pequenos produtores de leite em Marechal Cândido Rondon Paraná-BR

de Souza Martins, Jéssica Carolina^{1(*)}

1 - UNIOESTE-Universidade Estadual do Oeste do Paraná | (*) Brazil

Conscientizando-se de que o espaço é uma das mais importantes categorias geográficas, deve-se admitir que este por sua vez possui subcategorias que ao serem analisadas ganham novos significados no decorrer da história, por tanto as subcategorias do espaço vão se alterando no decorrer do tempo com o desenvolvimento das relações sociais, uma das transformações ocorridas no espaço geográfico, decorrentes da ação dos mais diferentes atores sociais, foi a que ocorreu no campo através da modernização agrícola, tendo em vista que a expansão das relações capitalistas de produção não isentou a agricultura.

A comercialização de leite em Marechal Cândido Rondon por intermédio do laticínio Frimesa é um exemplo claro de como a expansão das relações capitalistas no campo é um fator de diferenciação de classes.

O município de Marechal Cândido Rondon, que se localiza no extremo Oeste do Estado do Paraná-BR e para entender a dinâmica da pecuária leiteira deste município foram feitas pesquisa de campo, sendo que nestas foram entrevistados funcionários da Frimesa e da Copagril- (Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda), além de produtores de leite da Frimesa que são associados à Copagril, que foram escolhidos aleatoriamente. Os produtores entrevistados residem ao longo da Vila Curvado, bairro rural do município de Marechal Cândido Rondon, na qual a Frimesa possui uma linha em que capta leite de 19 produtores, conforme dados da própria Frimesa.

Nas entrevistas buscou-se informações tanto dos funcionários da Frimesa como os Funcionários da Copagril e dos próprios produtores de leite, as quais constataram uma política diferenciada do preço do leite por parte do laticínio e constatou-se também que o laticínio não paga aos produtores o trabalho que estes têm para produzir a matéria prima que este compra, e que a bonificação paga pelo laticínio pela qualidade e tecnologia empregada na produção de leite na realidade levaria um longo tempo para recompensar os investimentos feitos na propriedade

Para o entendimento deste contexto foram necessárias algumas indagações, como, por exemplo, a respeito da modernização e tecnificação do campo, dando origem ao agricultor capitalista e, contraditoriamente, ao camponês. Há que se considerar, ainda, a agricultura familiar.

Portanto a modernização não alcançou todas as classes sociais de agricultores. Ela privilegiou as elites rurais, já capitalizadas e integradas ao sistema econômico vigente. A grande propriedade, tecnificada, prevalece. Por outro lado, a agricultura familiar ocupa a maior parte dos trabalhadores rurais, ainda que em situação precária.

A questão da produção de leite neste contexto vem demonstrar que a estrutura da cadeia produtiva de leite está atrelada a um mercado extremamente seletivo e excludente, tendo em vista que, somente os produtores que se enquadrarem às exigências de mercado em termos de qualidade e quantidade estarão inseridos na cadeia produtiva de leite por intermédio dos laticínios. No entanto os preços dos produtos agrícolas são baixos, para atender os interesses do capital industrial urbano, barateando os custos dos alimentos no meio urbano, além da proporcionar maiores lucros para o capital agroindustrial, desta forma a produção de leite por intermédio do laticínio se apresenta como uma forma de exploração do produtor de leite.

A ocupação do território rural pelas relações capitalistas de produção, então subjugam o agricultor familiar e a renda da terra, monopolizando a terra e a riqueza produzida no campo, para seu interesse próprio fazendo com que os produtores de leite

sejam explorados, na medida em que não recebem o preço equivalente aos lucros que esta gera para a agroindústria que por sua vez desconsidera o trabalho desenvolvido para obter a produção do leite.

Compreender a dinâmica da pecuária leiteira no município de Marechal Cândido Rondon possibilita uma discussão que envolve os referidos atores e processos, na construção e modificação do espaço, estes são elementos fundamentais para a compreensão da dinâmica que engloba os pequenos e grandes produtores, a modernização no campo e a exclusão da maior parte dos trabalhadores rurais desta realidade.

Portanto, ao ser feito uma análise da territorialização da pecuária leiteira no município de Marechal Cândido Rondon pode-se constatar, que esta, encontra-se como um fator importante de análise geográfica, tendo em vista que ela irá tratar de um segmento do qual uma parcela da sociedade sobrevive e na qual diversas relações são estabelecidas, organizado e reorganizando um espaço definido pela ação humana e pelo próprio movimento do capital, formando um arranjo espacial que se estrutura ao decorrer do tempo.

Sendo assim ao utilizar um olhar geográfico pode-se diagnosticar que a atividade leiteira possui todo um contexto espacial e histórico-geográfico, no qual está envolvido a dinâmica de classes, que por sua vez gera um processo de inclusão/exclusão dos produtores no mercado agropecuário que nos dias atuais encontram-se articulados em rede, no caso deste são as propriedades agropecuárias leiteiras do município de Marechal Cândido Rondon, visto que essa forma de relação social de trabalho promove um movimento próprio com as outras, no qual existem distintas realidades para quem está inserido no setor. O que nos remete a pensar no caráter excludente do capitalismo no campo no qual se estabelece através da diferença não só da posse de terras, mas também na diferença de equipamentos para nela trabalhar.

A agropecuária brasileira nada tem de homogênea, no que diz respeito a posse e divisão, muito pelo contrário, se encontra profundamente diferenciada e classificada em setores largamente apartados que são, de uma lado, uma pequena minoria de grandes proprietários, de outro lado, a grande maioria da população que vive em péssimas condições, ou seja, um considerável desnível entre dois setores essenciais da agropecuária brasileira: grandes proprietários e fazendeiros; trabalhadores sem terra, ou com insuficiente quantidade de terra (PRADO JÚNIOR, 1981).

Para se entender a expansão do capitalismo no campo, primeiro é necessário admitir que este fato vem sendo consolidado a partir da tendência de inserção do capital monopolista no setor agrário e da equalização das formas de exploração presente neste, típico sistema capitalista de produção, em todas as partes e setores econômicos. Trata-se da generalização das relações capitalistas de produção no interior da produção agrícola. (Oliveira, 1996). Nesta perspectiva, mesmo as relações não-capitalistas de produção estão subordinadas à lógica do sistema capitalista, pois ao mesmo tempo em que alguns se expandem e se enriquecem cada vez mais, outros são subordinados à exploração e até mesmo à expropriação, portanto o desenvolvimento do modo de produção capitalista no campo se dá, fundamentalmente, pela subjugação da renda da terra ao capital, seja pela compra da terra para explorar ou vender ou pela sua exploração para subsistência e produção de mercadorias.

O desenvolvimento do capitalismo é produto de um processo contraditório (...) o modo capitalista de produção não está circunscrito apenas à produção imediata, mas também à circulação de mercadorias, por tanto, inclui também a troca de mercadorias por dinheiro, obviamente, de dinheiro por mercadoria. (OLIVEIRA, 1996, P.29)

Uma das características que se deve levar em consideração no capitalismo no campo é o processo de integração indústria-agricultura, que provoca o extermínio ou a diminuição da pequena produção camponesa, aliado ao surgimento de manufaturas além de máquinas e implementos para a produção agrícola.

No campo o que ocorre com a inserção do capitalismo é o aparecimento de um contexto social dividido em classes distintas de empresários ricos e os camponeses empobrecidos, que não se enquadraram em direção à modernização e à transformação em empresas capitalistas, tendo em vista que, os produtores que possuem mais capital se apresentam superior tecnicamente em relação aos demais este fato causa uma diferenciação social no campo e facilita a penetração do capitalismo neste e como consequência, a industrialização da agricultura que faz com que a agricultura seja subordinada aos desígnios do capital.

É o caráter social e irreversível da industrialização da agricultura que permite a criação de um verdadeiro proletariado rural, estreitando-se a possibilidade de reprodução de formas interdependentes da pequena produção de formas em que o trabalhador mantém o controle do processo de trabalho (...) a industrialização da agricultura determina a passagem da subordinação direta do trabalho ao capital. (SILVA, 1996, p.34).

A inserção do capitalismo na agricultura faz com que sua produção seja regida pela dinâmica industrial, faz, portanto com que os camponeses se adaptem às necessidades das indústrias para melhor a satisfazer, visto que, está se mantêm com o excedente produzido e com a exploração da mão de obra.

Portanto a evolução do modo capitalista na agricultura faz com que a grande exploração tenha melhores condições para satisfazer as necessidades da indústria contrariamente da pequena produção. O capital é essa força que procura expropriar o lavrador, ou pelo menos submeter o seu trabalho, que procura divorciá-lo dos instrumentos de trabalho, da terra, que ao invés do trabalhador trabalhar livremente para si mesmo, passe a trabalhar para ele, capital, como aconteça com os operários. (MARTINS, 1980, P.15)

O que se percebe então é uma integração indústria-agricultura, na qual o camponês acaba sendo envolvido pelo sistema capitalista, e deixa de ser camponês autônomo e passa a ser um camponês voltado para a produção do mercado e ficando dependente de atributos que antes não o tinha e deixa de ser o ator principal da produção, pois as exigências o fazem perder o controle da sua maneira de produzir.

Conforme Oliveira o que passa a acontecer com o produtor é uma alienação causada pela ideologia capitalista
A ideologia capitalista que o produto criado é produto do capital e não produto do trabalho, e que para o trabalhador garantir a sua

sobrevivência, ele precisa, depende do capital. É o capital que cria o trabalho, permitindo assim a sobrevivência do trabalhador, afirmam os ideólogos do capitalismo.

Dessa forma, a riqueza que o capital acumula não aparece como se fosse retirada do trabalhador, e sim produto do capital.(OLIVEIRA, 1995, P. 62).

Nesse sentido, ao mesmo tempo que o capitalismo se desenvolve na agricultura, se intensifica a diferença qualitativa entre a técnica da grande e da pequena exploração. As transformações que ocorrem na agricultura com a integração com a indústria torna o agricultor mais vulnerável e dependente do capital, dessa forma Veiga ao mencionar a transformação na agricultura ressalta que:

Os prejudicados pelo avanço tecnológico serão os agricultores mais retardatários (...) que por estes ou aquele motivo, não adotaram a nova tecnologia. Não poderão cobrir todos os seus custos serão levados a sair do ramo,(...)

No contexto do livre mercado, a adoção de novas tecnologias força os agricultores a pedalar um treadmill. E os que decidirem não pedalar serão empurrados a falência. (VEIGA, 1994, p.79)

A questão então é que o progresso terá necessariamente como resultado o agravamento do estado de crise em que se encontram os agricultores, o aumento da sua dependência em relação à indústria, a diminuição da segurança da sua existência.

O que se percebe é que o movimento desigual e contraditório do capitalismo no campo reflete-se na necessidade que o capital tem de se expandir por toda parte explorando diversos agentes para se fortalecer.

No entanto ainda assim existe a resistência no campo contra este sistema, são casos nos quais existe uma negação do sistema capitalista de produção que na maioria das vezes gera a exploração do trabalhador no campo, um exemplo de resistência é a própria resistência camponesa. Segundo Martins (1995) se entende por camponês, o agricultor que utiliza a terra para trabalhar e dela sobreviver e não para a exploração.

O desenvolvimento do capitalismo no campo tem que se levar em consideração que este gera um desenvolvimento contraditório, pois ao mesmo tempo em que ele impulsiona para as relações típicas do seu sistema, cria situações nas quais as relações não capitalistas se desenvolvem, como forma de negação e resistência ao sistema excludente e desigual gerado pelo capitalismo, como é o caso dos camponeses.

Com a integração indústria - agricultura, os produtores têm que se integrar em um novo ritmo de vida tendo em vista que quanto mais esse processo avança, mais o produtor se vê obrigado a aplicar capital para investir em tecnologia para realizar suas atividades, pois esta vai exigir uma maior tecnificação devido ao fato das cooperativas agrícolas em sua grande maioria se tornarem cooperativas agro-industriais, que necessitam de procedimentos mais modernos por parte de seus produtores para aumentar a escala e qualidade de produção para atender as exigências de mercado.

A comercialização de leite em Marechal Cândido Rondon por intermédio de laticínio representa de forma clara o antagonismo, com o laticínio “obrigando” os produtores a se tecnificarem cada vez mais, se metamorfoseando e submetendo a renda de sua terra ao capital monopolista e excludente no qual acabam sendo inseridos.

Para entender como se dá o processo de inserção e integração dos produtores de leite associados da Cooperativa Copagrill que por sua vez é acionista do laticínio Frimesa ao qual os produtores fornecem leite, primeiramente é necessário compreender, como o processo de cooperativismo foi implantado no Brasil e quais foram as mudanças

que ocorreram desde sua implantação e principalmente as transformações deste com a integração da agricultura com a indústria, fato este responsável por muitas desigualdades no espaço agrário e no caso aqui estudado nas desigualdades existentes em relação a um produtor de leite e outro, causadas principalmente pelas políticas da agroindústria.

O cooperativismo no Brasil se deu, através da percepção das dificuldades na comercialização de produtos agrícolas, surgindo então diversas cooperativas com um caráter ideológico, de facilitar o desenvolvimento regional e dos cooperados. Neste contexto a cooperativa, possuiria o papel de ser então uma empresa administrada coletivamente visando atender as necessidades dos cooperados que individualmente não conseguiram ser supridas.

A cooperativa é uma associação de pessoas que se rege por três princípios básicos: propriedade cooperativa, gestão cooperativa e repartição cooperativa. A propriedade cooperativa significa que os usuários das cooperativas não são detentores do capital são seus proprietários; a gestão cooperativa implica em que o poder decisório se concreta nas mãos dos associados; a repartição cooperativa significa que a distribuição do lucro da cooperativa (as sobras líquidas) é feita proporcionalmente à participação dos associados nas mesmas. (Fleury, 1983, p.21-22).

No entanto essa união em cooperativa foi motivada pelas mudanças econômicas que ocorreram no país, juntamente com a expansão do mercado, bem como a necessidade do crescimento da produtividade, este também foi um fator que contribuiu para a procura e a necessidade de avanços tecnológicos.

Portanto as necessidades de modernização passaram a tornar as maiorias das cooperativas em cooperativas agroindustriais fazendo com que essa mudasse o seu intuito inicial, tornam-se associados destas àqueles que se capitalizaram para investir na cooperativa, logo integram a democracia cooperativista e desfrutam das decisões políticas apenas os sujeitos que acumularam determinado montante de capitais, portanto o que se percebe é que as cooperativas não tem o mesmo significado de cooperativismo a partir do momento em que o capital entra em cena, integrando sujeitos de classes e identidades diferentes.

Portanto a partir do momento que acontece a integração de classes diferentes na cooperativa, os interesses passam a divergir tendo em vista que, a cooperativa não conseguira atender aos interesses do grande produtor e do pequeno produtor ao mesmo tempo, essa passa a possuir apenas um caráter ideológico, pois nas cooperativas, os lucros obtidos com a comercialização da produção dos associados seriam distribuídos a estes proporcionalmente ao montante de mercadorias entregue à cooperativa.

(...) o cooperativismo agrícola tradicional traz o desenvolvimento do capitalismo ao campo não apenas como um processo exclusivo de proletarianização ou assalariamento crescente de trabalhadores, mas também como processo de subordinação crescente da renda da terra ao capital industrial e financeiro. (SILVA 2002, p. 234)

As desigualdade políticas nas cooperativas acontecem a partir do momento em que estas dão privilégios aos grandes produtores, fazem com que as decisões da cooperativa prevaleça no poder de decisão final, ou seja, aquelas relações negam a

igualdade política dos associados e condiciona a cooperativa ao status social de cada associado, que detém frações desiguais do poder de comando.

Por estar inserida no mercado a cooperativa se torna em uma empresa competidora, pois a pressão por conservação e conquista de clientes comerciais as isola pela própria sobrevivência. A aglomeração de sujeitos de classes diferentes e antagônicas torna as cooperativas brasileiras em espaços de regalia dos grandes produtores e comerciantes da agroindústria.

Lembremos que a cooperativa é uma associação e uma empresa, seu processo político deveria ser participativo e ter eficiência empresarial, portanto um empreendimento econômico coletivo singular à propriedade privada. Conforme Serra:

O que poderia ser uma modernização socializaste, a modernização da agricultura estimulada pelas cooperativas, acabou se ajustando á filosofia do modelo de modernização da agricultura brasileira, baseado na geração de recursos, na medida em que as empresas induziram seus associados e especializarem suas produções(...) (SERRA, 1986, P.03)

Contudo, esta singularidade é contraditória porque a cooperativa tenta fundir ou conciliar duas instituições antagônicas, a associação que objetiva a cooperação para a promoção social, política e econômica dos associados e a empresa cooperativista capitalista que abre possibilidade para a inserção da industrialização no campo, esta por sua vez objetiva reproduzir e acumular capitais com base na exploração do trabalho alheio e alienado.

Existem diferenças apontadas pelo maior ou menor volume de produção, pela valorização maior ou menor da atividade agrícola a que se dedicam, pela propriedade de grandes ou pequenas porções de terra, pela forma como eles introduzem e vivenciam a instituição cooperativa, pelo modo como eles se identificam no processo de produção. (ARAÚJO,1982, P. 215)

Portanto o papel do cooperativismo entra em crise quando está se encontra inserida a indústria, pois este fato a faz estar inserida também no sistema capitalista, assim o desenvolvimento do capitalismo no campo faz com as cooperativas, se enquadrem em modelos, industriais os quais a fazem perder o caráter de cooperativista este fato ocorre com grande frequência na dinâmica agropecuária paranaense, mas para que isso ocorra é preciso qualificar como esta ocorre, para tanto se fez necessário analisar alguns fatos que ajudam a compreender esta dinâmica, como a presença das cooperativas e indústrias de laticínios, que com suas estruturas organizacionais vem se apropriando da renda de terra e do trabalho do pequeno produtor.

As questões aqui levantadas encontraram na inserção da lógica capitalista de produção no campo, tanto no pequeno quanto no grande produtor situações antagônicas, expressas, de um lado, pela pobreza dos pequenos agricultores e, de outro, pelo nível de desenvolvimento e inclusão do produtor capitalista. A situação desigual é agravada pela implementação de políticas inadequadas, que favorecem apenas o capitalista, levando os pequenos produtores ao empobrecimento.

A presença da Frimesa em Marechal Cândido Rondon, vem retratar como a integração da indústria no campo faz com que os pequenos produtores de leite sejam explorados no mercado capitalista, pois, o pequeno produtor de leite cercado pelas exigências do mercado capitalista, tenta se enquadrar nos padrões impostos pelo

laticínio sem perceber que na realidade estão sendo explorados a partir do momento em que sua produção é apropriada pela indústria processadora.

Por tanto a modernização e a tecnificação no campo privilegia os grandes produtores e a ideologia empregada pelos laticínios sobre a necessidade de modernização e ampliação da produção, nada mais representa do que uma forma que estes encontraram para passar a responsabilidade de volume e qualidade de seus produtos para os produtores.

No que se refere a presença de políticas de cota e bonificação dos laticínios em específico a Frimesa de Marechal Cândido Rondon, contribui para que exista a monopolização da terra e da renda da terra, dos produtores integrados nesta fazendo com que acha um caráter perverso fazendo a maior parte dos produtores rurais, a se enquadrarem em uma lógica de produção capitalista, explorando a sua mão de obra para obter o produto desejado sem ter que arcar com os custos deste.

Por tanto a união da produção agrícola à indústria abre caminhos para a exclusão da maior parte dos produtores fazendo com que estes por crises sociais e econômicas originadas a partir do desenvolvimento desigual inerente ao sistema capitalista que visa extrair para si a renda da produção de uma terra que não, lhe pertence.

BIBLIOGRAFIA

ÁRAUJO, S.M.P.de. **Eles: a cooperativa; um estudo sobre a ideologia da participação.** Curitiba: Projeto, 1982;

AMIN, S. e VERGOPOULOS, K. **A Questão Agrária e o Capitalismo.** Tradução de Beatriz Rezende. 2 e. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986;

DESER. Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais. **Leite: continua o processo de concentração no processamento no Brasil.** In: n. 124, Maio de 2002;

EMATER **Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural.** Dados pecuários de Marechal Cândido Rondon;

FLEURY, Maria.T.L. **Cooperativas Agrícolas e Capitalismo no Brasil.** São Paulo:Global,1983;

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE- Disponível em: <www.ibge.gov.br> . Acesso em 05/09/2007;

GROSSI, M. E. Del e. SILVA, J. S. **O Novo Rural;** Londrina, PR: Instituto Agrônomo da Paraná, 2002;

MAGOLI, D. e. ÁRAUJO, R. **A nova Geografia: estudos de Geografia do Brasil.** São Paulo, SP: Moderna, 1994;

MARTINS, José de S. **Expropriação e violência (a questão política no campo).** São Paulo: Hucitec, 1980;

MARTINS, J. S. **Os Camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1981;

MARTINS, J. S. **Os Camponeses e a política no Brasil**. 5.e. Petrópolis: Vozes, 1995;

MÜLLER, G. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. São Paulo: Hucitec, 1989;

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. São Paulo: Ática, 1986;

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1996;

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. 4 ed São Paulo: Ática, 1995;

PRADO JÚNIOR, C. **A Questão Agrária no Brasil**. 3.ed., São Paulo: Brasiliense, 1981;

PRADO Jr., Caio. **A questão agrária no Brasil**. Revista Brasiliense, Brasília, n. 28, mar./abr. 1960;

REVISTA FRIMESA. **Sala do produtor**. Marechal Cândido Rondon, Nº10, janeiro/fevereiro, 2004;

SORJ, Bernardo. **Estados e classes sociais na agricultura brasileira**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986;

SILVA, J. G. **O que é Questão Agrária**. São Paulo: Brasiliense, 1980;

_____. O desenvolvimento do **capitalismo** no **campo** brasileiro e a reforma agrária. p.137-143. In: STÉDILE, J. P. (coord.). **A questão agrária hoje**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994;

_____. **A Nova Dinâmica da Agricultura Brasileira**. 2.ed. Campinas: UNICAMP, 1998;

_____. **Tecnologia e Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999;

SILVA, Tânia Paula da. **Fundamentos teóricos do cooperativismo agrícola e o MST**. Terra Livre, São Paulo, n. 19, p. 229-242, jul./dez. 2002;

SERRA, Elpídio. **Contribuição no estudo do cooperativismo na agricultura do Paraná: o caso da cooperativa de cafeicultores e agropecuaristas de Maringá**. (Dissertação de mestrado) Rio Claro: Unesp, 1986;

VEIGA, J. E. da. **O desenvolvimento agrícola: uma visão histórica**- São Paulo: Hucitec, 1991;